

Etiópia: sem luz no fim do túnel

Via [Resumen Latinoamericano](#)

Milhares de prisioneiros de guerra etíopes desfilaram pela capital regional de Tigray na sexta-feira, enquanto multidões jubilosas se alinhavam pelas ruas para provocar os cativos e torcer pelas forças de Tigray que apenas dias antes tinham derrotado um dos exércitos mais poderosos da África.

Muitos dos soldados abaixaram a cabeça e olharam para baixo. Alguns tinham que ser carregados em macas e outros usavam ataduras recém-manchadas com sangue.

A rápida derrota das forças etíopes foi um impressionante retrocesso em uma guerra civil que levou ao deslocamento de quase dois milhões de pessoas na região de Tigray, fome generalizada e relatos de que os civis foram submetidos a atrocidades e violência sexual.

O desfile dos prisioneiros serviu como uma reprimenda direta ao primeiro-ministro da Etiópia, Abiy Ahmed, que havia proclamado em um discurso na terça-feira na capital nacional, Adis Abeba, que os relatos da derrota de suas tropas eram “uma mentira”. Ele havia declarado um cessar-fogo unilateral, ele insistiu, por razões humanitárias.

Na verdade, Abiy havia declarado vitória no ano passado, apenas um mês depois de ter lançado a operação militar em Tigray em novembro, mas os combates haviam continuado por mais sete meses.

Ladeados por combatentes tigreanos, colunas de soldados etíopes derrotados vinham marchando há quatro dias dos campos de batalha estabelecidos precipitadamente onde estavam desde que os combates terminaram esta semana. Eles inundaram as ruas

da capital de tigreana, Mekelle, e foram levados para uma grande prisão na borda norte da cidade.

Uma menina de 14 anos correu para a rua para correr ao lado da coluna, gritando sua admiração pelo líder das forças tigreanas, chamando-o de “leão”.

“Todos esses soldados tentaram nos matar”, disse a garota, Mearge Gebroemedhin, alguns momentos depois, referindo-se às forças governamentais etíopes. “Mas os soldados tigreanos demonstraram misericórdia. Estou orgulhosa de nossos soldados”.

Enquanto alguns na multidão zombavam dos soldados, os espectadores concentraram grande parte de sua raiva no primeiro-ministro etíope Abiy.

Quase oito meses antes, Abiy havia enviado suas forças a Mekelle para lutar contra o poder dos líderes da região, declarando o movimento necessário porque os tigreanos haviam realizado eleições locais sem permissão do governo federal e haviam tentado capturar uma base militar etíope.

Agora os vitoriosos líderes tigreanos estão de volta a Mekelle, reocupando seus antigos escritórios.

Em uma longa e exclusiva entrevista logo após sua chegada de seu refúgio na montanha, Debretsion Gebremichael, líder da Frente de Libertação do Povo Tigray, disse que seus combatentes haviam capturado mais de 6.000 soldados etíopes.

Ele disse que oficiais tigreanos entraram em contato com o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e logo libertarão os soldados de baixa patente, mas manterão os oficiais sob custódia.

De acordo com as Convenções de Genebra, os prisioneiros de guerra devem receber alimentos e roupas, e devem ser protegidos da violência, intimidação e “curiosidade pública”.

Não havia nenhuma indicação imediata de que os soldados etíopes tivessem sido maltratados, ou se marchar pelas ruas de Mekelle era uma violação das Convenções.

Desde que a Etiópia anunciou um cessar-fogo unilateral na segunda-feira e retirou suas tropas de Mekelle, Tigray passou por cortes de energia, telecomunicações e internet. As consequências irão exacerbar uma situação humanitária já de si terrível. As agências de ajuda internacional alertaram sobre uma catástrofe humanitária iminente e disseram que não estava claro se a vitória dos rebeldes permitiria que a assistência internacional começasse a chegar aos mais necessitados na região de Tigray, que faz fronteira com a Eritréia ao norte e o Sudão ao oeste.

A ONU disse que pelo menos 350.000 pessoas na região devastada pelo conflito haviam entrado em estado de fome. A Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional estimou 900.000 pessoas enfrentando condições de fome.

Na quinta-feira, foi destruída uma ponte que dava acesso vital sobre o rio Tekeze à cidade de Shire, no centro de Tigray, onde a ONU estima que haja entre 400.000 e 600.000 pessoas deslocadas internamente vivendo em condições terríveis.

O Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU disse que a ponte havia sido destruída por tropas pertencentes às Forças Especiais de Amhara e ao exército da Eritréia, o país ao norte de Tigray, que havia lutado como aliado das tropas etíopes.

“A destruição da ponte terá um impacto”, disse Claire Nevill, porta-voz do Programa Mundial de Alimentos.

Redwan Hussein, porta-voz do governo etíope, disse na sexta-feira que duas pontes que ligam a região do Tigray haviam sido destruídas, mas negou que o governo ou as forças aliadas fossem responsáveis. Ele culpou os tigreanos.

Um funcionário de uma agência de ajuda humanitária viajando por Tigray na quinta-feira disse que “pouco ou nada” estava entrando na região na época e que as tropas haviam bloqueado caminhões de alimentos ao longo da fronteira com a região de Amhara.

Na entrevista, o Sr. Debretsion disse que os líderes do Tigray estavam trabalhando para trazer ajuda internacional o mais rápido possível.

Linda Thomas-Greenfield, embaixadora dos EUA nas Nações Unidas, disse a uma reunião do Conselho de Segurança na sexta-feira que está ouvindo relatos de que conseguir ajuda no Tigray é “mais difícil” agora do que há uma semana, o que não é “uma indicação” de um cessar-fogo humanitário, mas de um cerco”.

Ele acrescentou: “O governo etíope pode e deve provar que esta análise está errada, fornecendo movimento sem obstáculos de suprimentos humanitários, bens e pessoal para Tigray e através de Tigray”. Caso contrário, acreditamos que centenas de milhares de pessoas podem morrer de fome”.

Os analistas dizem que Abiy, que tem servido como primeiro-ministro da Etiópia desde 2018 e ganhou um Prêmio Nobel da Paz em 2019 por fazer a paz com a Eritrêia e instituir reformas democráticas internas, agora enfrenta tremendos desafios políticos.

A aliança que a Etiópia forjou com a Eritrêia e os combatentes da região de Amhara pode se fraturar à medida que as tropas etíopes continuam a se afastar do engajamento direto e os combatentes do Tigray entram na ofensiva.

“O apoio de Amhara para ele acabará diminuindo”, disse Mehari Taddele Maru, professor de governança e geopolítica do Instituto Universitário Europeu. “A única coisa que manteve as coisas unidas na região de Amhara foi o sentimento anti-Tigray. Uma vez que a questão do Tigray está fora do jogo, a

cola que mantinha seu apoio unido não está mais lá”.

Getachew Reda, um líder sênior do Tigray, disse em uma entrevista telefônica na terça-feira que as forças do Tigray não hesitariam em entrar na Eritrêia, e poderiam até tentar avançar para sua capital, se isso for necessário para evitar que as tropas da Eritrêia ataquem novamente. E ele disse que, nos últimos dias, as forças tigreanas haviam matado muitas tropas e milicianos etíopes.

Desde 30 de junho, os combates têm continuado entre as forças tigreanas e eritreias no noroeste de Tigray, perto das disputadas cidades de Badme e Shiraro, mostram documentos de segurança das Nações Unidas.

“Queremos degradar o maior número possível de capacidades inimigas”, disse Getachew. “Ainda estamos em perseguição para que as forças inimigas não representem de forma alguma uma ameaça ao nosso Tigray”.

Com o passar da sexta-feira, muitos dos soldados etíopes em marcha que chegaram à prisão pareciam famintos e exaustos. Eles foram colocados em celas, os homens separados das mulheres.

Eles haviam passado por um grupo de tigreanos celebrando sua captura. Adanay Hagos, 23 anos, que havia passado pelos soldados gritando com eles, explicou então que estava muito zangado porque alguns de seus amigos haviam sido mortos pelas tropas eritreias aliadas ao exército etíope.